

Exemplos de representações e informações do território da colônia do Brasil na cartografia impressa nos séculos XVI e XVII

Examples of representations and information of the territory of the Portuguese colony of Brazil in printed cartography in the 16th and 17th centuries

Francisco José Corrêa-Martins
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Departamento de Geociências – Instituto de Agronomia
correa_martins@ufrj.br

RESUMO

As cartas e os mapas são o meio mais conhecido utilizado para a representação da superfície terrestre. Na Idade Moderna, contudo, sua produção, além de envolver aspectos de segredos de Estado, era também bastante onerosa, sendo restrita sua circulação. Deste modo, o conhecimento sobre as terras então descobertas através das expedições marítimas foi disseminado por livros impressos. E, com a melhoria da tecnologia, as cartas e mapas destinados à navegação também vieram a ser impressos. Neste estudo, nosso objetivo é apresentar, a partir de quatro livros do acervo da Biblioteca do Exército Português, como as terras e os habitantes do Brasil eram representados e apresentados aos europeus nos séculos XVI e XVII.

PALAVRAS-CHAVE: canibais, percepções, censura, representações cartográficas, Brasil, cartografia histórica.

ABSTRACT

The maps are the most well-known means used for the representation of the terrestrial surface. However, its production in the Modern Age was considered a state secret, and is also very expensive, making its disclosure restricted. In this way, knowledge about the lands then discovered through maritime expeditions was scattered through printed books. With the improvement of the technology, the maps destined to the navigation also came to be printed. Our objective is show, from four books of the Portuguese Army Library, how the lands and the inhabitants of Brazil were represented and presented to the Europeans in the sixteenth and seventeenth centuries.

KEYWORDS: cannibals, perceptions, censorship, cartographic representations, Brazil, historical cartography.

Introdução

No século XV, a Europa e partes do Oriente passaram por uma série de eventos, como a expansão marítima europeia e a conquista de Constantinopla pelos muçulmanos, que marcaram o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna.

Nessa época de grandes tribulações, várias obras da Antiguidade, há muito desaparecidas no Ocidente, foram reintroduzidas e traduzidas para o latim, tendo papel de destaque no Renascimento.

Ora, entre os livros trazidos estava a *Geographia*, de Claudio Ptolomeu, uma obra do século II e que trazia descrições da Europa, Ásia e África a partir de dados compilados de cerca de 8.000 pontos, dos quais fornecia as coordenadas, e estabelecia os fundamentos para a construção de mapas com uma projeção cônica¹, muito diferente dos mapas produzidos durante o Medievo. E logo a *Geographia* se beneficiou, assim como outras obras, de uma invenção aparecida no século XV, a imprensa de tipos móveis, que ao par de permitir a reprodução de exemplares em quantidade, reduziu o custo dos livros, impulsionando sua disseminação. E isso ocorria no mesmo momento em que as naus portuguesas e espanholas retornavam aos seus portos, vindas tanto do Leste como do Oeste do Atlântico, e até do Índico, e as narrativas dos tripulantes dos navios recém-chegados dessas novas terras aguçavam a imaginação daqueles que os ouviam. Essas informações foram convertidas em duas bases principais. A primeira, e mais lembrada, são os mapas e cartas produzidos para os soberanos, agentes estatais e comerciantes, e que possuíam características e propósitos específicos. A outra é representada pelos livros, mormente os de cosmografia que, agora impressos, atingiam a um público muito maior. E, com o passar do tempo, os antigos mapas manuscritos, utilizados para navegações, foram substituídos

¹ Não há registro de que algum mapa elaborado por Ptolomeu tenha sobrevivido. Assim, os mapas foram produzidos no século XV seguindo o que prescreviam os livros da sua *Geographia*.

por cartas náuticas impressas, produzidas com melhores técnicas e, principalmente, com um custo menor.

Isto posto, nosso objetivo é, a partir de quatro exemplos de publicações pertencentes ao acervo da Biblioteca do Exército Português², verificar como os habitantes e as terras do Brasil apareceram nessas obras.

A Terra de Santa Cruz como lugar de canibais: a força de um estereótipo a partir dos mapas e ilustrações quinhentistas

É bastante conhecido o fato de que foi no mapa do cosmógrafo germânico Martin Waldseemüller que, pela primeira vez, o continente recém-descoberto por Cristovão Colombo recebeu o nome de “América”. O que é pouco lembrado é que também nesse mapa “canibais” são registrados pela primeira vez na América. Esses dois fatos foram motivados por uma obra apócrifa, *Lettera di Amerigo Vespucci delle isole nuovamente trovate in quattro suoi viaggi*, impressa em italiano em 1504, que reuniria os relatos feitos pelo próprio Américo Vespúcio.³

Assim, o cosmógrafo germânico Martin Waldseemüller produziu um conjunto no qual, para além da apresentação das ideias ptolomaicas que utilizou para construir o mapa, acrescentou as narrativas de Vespúcio acima citadas, de maneira integral, e, o mais importante, afirmava que o “objetivo deste livreto é ser uma introdução escrita da Cosmografia (sic), que concebemos tanto como um globo como um plano de representação”⁴.

² A maior parte dos volumes do acervo, anteriores ao século XIX, são oriundos de bibliotecas de conventos e outros estabelecimentos religiosos, que foram incorporados ao patrimônio do Estado português com a extinção das ordens religiosas, determinada em 1834.

³ VESPÚCIO (2013, p. 2-55).

⁴ WALDSEEMÜLLER (1507, p. Np). Todos os textos que não em português foram por nós traduzidos. Além do texto, ele produziu duas representações da superfície da Terra, uma pequena, dividida em 12 fusos, e que permitia ser montada como um globo, <https://pub.ub.uni-muenchen.de/13138/>, do qual são conhecidos apenas cinco exemplares, e a *Universalis cosmographia secundum Ptholomaei traditionem et Americi Vespucii alioru(m)que lustrationes*, com 12 folhas que, montadas, atingem 128 X 233 cm, disponível em <https://www.loc.gov/resource/g3200.ct000725C/>, sendo que somente este exemplar é conhecido.

Seu mapa traz o Novo Mundo quase encostado no lado esquerdo, com pequena largura, e com o nome “America” sobre a porção meridional, e que nessa “quarta parte da terra, descoberta pelos gloriosos reis de Castela e Portugal colocamos suas [respectivas] marcas”, quer dizer, seus estandartes. Vemos assim as “cinco quinas” portuguesas na porção oriental da América e à volta d’África, enquanto os estandartes espanhóis estão próximos à linha equinocial na América, sendo que junto à base de um deles, ao sul do Equador, encontramos um topônimo, *Gorffo fremoso* (Golfo formoso), e uma palavra por si só bem expressiva, “canibales”⁵.

Embora as edições da *Geographia* de Ptolomeu se sucedessem, onde algumas se atinham ao texto e imagens já estabelecidos anteriormente, outras buscavam incorporar as novas terras descobertas, escrevendo textos que se baseavam naquela antiga obra. Na década de 1530, a versão de Grynaeus & Huttich (1532, Np) *se destacou porque, além das informações sobre as diversas expedições realizadas desde o final do século XV, trouxe um texto e um mapa, Typus Cosmographicus Universalis*, ambos de autoria de Sebastian Münster⁶, onde a América aparecia com uma faixa estreita vertical, que se expandia entre o Equador e o Trópico de Capricórnio. E, nessa parte do mapa, estão as seguintes palavras, do norte para o sul, abaixo da linha equinocial: *Canibali, America, Terra Nova e Prisilia*. Há também, na parte inferior esquerda, como parte da moldura de imagens que circunda o mapa, um grupo de xilografuras, onde uma faixa traz a palavra *Canibali*

⁵ Sobre o uso da palavra “canibal” por Cristovão Colombo e os significados de “antropofagia” e “canibalismo”, vide Almeida (2002, p. 37-50). E a primeira ilustração em livros, relacionada a narrativa do navegador sobre os canibais, apareceu na página XVI da obra de Lorenz Fries (Laurentius Frisius), *Uslegung der Mercarthen oder Cartha marina: darin man sehen mag, wa einer in der Welt sey, und wa ein ietlich Land, Wasser und Stat gelege[n] ist. Das als in de[m] Büchlin zefinde[n]*, de 1525. Mas não foi a primeira a mencionar os canibais, como equivocadamente afirmou Horch (1988, p. 98).

⁶ Sebastian Münster ou Sebastianus Münsterus (em latim) nasceu no eleitorado de Mainz em 1488. Foi discípulo de Konrad Pelikan, com quem aprendeu cosmografia, grego, hebraico e matemática, tendo estudado também em Tübingen e Heildelberg. Cedo manifestou habilidades tanto como cartógrafo como linguista, produzindo levantamentos de cidades e traduzindo vários textos hebraicos para o alemão e o latim. Embora tenha sido ordenado franciscano em 1512, ele abandonou o hábito e aderiu ao protestantismo em 1529, na mesma época em que se tornou professor na Universidade da Basileia, onde viveu até sua morte, em 1552, quando foi vítima da peste. Além das obras relativas à cosmografia, cartografia e geografia, escreveu importantes gramáticas e léxicos em grego, hebreu e latim (CORRÊA-MARTINS, 2009, p. 65-66).

no alto e, embaixo, há uma oca idealizada⁷, com pedaços de corpos pendurados, seguida de uma imagem de dois indígenas cortando um corpo em cima de uma mesa enquanto outro assa em um espeto um corpo sem cabeça nele amarrado, reforçando a ideia da América como uma terra de canibais.

Passados alguns anos, quando o próprio Münster publicou a sua edição da *Geographia*, em 1540, os leitores foram surpreendidos não por uma, mas várias xilogravuras de mapas, impressos em folhas duplas, onde várias partes do mundo eram mostradas com os detalhes que o conhecimento da época permitia, em uma escala maior, com um apêndice da autoria do próprio Münster, com informações oriundas das compilações e notas enviadas a ele por seus correspondentes, especialmente nos estados germânicos⁸.

Um desses mapas de folha dupla traz o título em latim *Nova Insulae, XVII – Nova Tabula*, e representava as três partes da América unidas, e sem conexão ao norte e ao sul com as regiões polares⁹ e, em seu verso, há impresso um texto no qual aborda a viagem de Colombo e as descobertas na região da América Central e Caribe, indo até a Flórida, ao norte, e à região equatorial ao sul, referindo-se aos “canibais”, que vivem na região equatorial, como “homens cruéis, que capturam outros, matando-os e comendo-os”, sendo específico sobre sua presença na Ilha de Guadalupe¹⁰.

A obra também impressionou outros estudiosos da geografia, fazendo com que fosse imitada, para não dizer copiada, especialmente o mapa com os canibais, que comentaremos adiante, foi reproduzido em uma escala menor na *Charta Cosmographica, cum venturum propria natura et operatione* onde, no território legendado como “America” há, na parte correspondente à atual região nordeste do Brasil, um

⁷ Esta representação, como muitas outras, tem pouco de realidade, pois que os desenhistas e gravadores representavam aquilo que liam nas narrativas, de acordo com suas próprias concepções, algo que se repetiu, pelo menos, até o início do século XVIII (CORRÊA-MARTINS, 2016, p. 36-37).

⁸ Sebastian Münster só conheceu, de fato, parte dos estados germânicos e alguns cantões suíços

⁹ Este mapa foi impresso, com pequenas variações, em outras edições, e que recebeu o título de *Tabula novarum insularum*, na edição de 1550, sendo equivocada a afirmação de ele seria “o primeiro mapa das duas Américas mostrando continuidade entre o norte e sul, e sem conexão com quaisquer outras massas de terra” (Schwartz & Ehrenberg, 1980, p. 43-45).

¹⁰ *PtolomAEI*, Munsterus (1540, p. sn).

pequeno desenho, com três figuras humanas ligeiramente esboçadas e, sobre elas, a legenda “Caníbaes”¹¹.

Ora, a produção e circulação de informações, as compilações que já realizara e obras das quais participara, fizeram ver a Sebastian Münster que a obra de Claudio Ptolomeu estava superada, pois reproduzia um conhecimento de treze séculos antes, e que não mais refletia a Europa, para não dizer o Novo Mundo. Por isso ele preparou e publicou sua própria visão, *Cosmographia: Beschreibung aller Lender*, impressa em alemão pela primeira vez em 1544, e que também foi pioneira por tratar da geografia naquele idioma. Em um único volume, ela apresenta no primeiro livro informações gerais sobre astronomia, geografia, física, matemática e cartografia. Os demais livros trazem seus mapas, que abarcavam tanto os territórios como as cidades que ele julgou dever cartografar, além de informações gerais sobre as regiões representadas. Os volumes 2, 3 e 4 são dedicados à Europa, enquanto o quinto, à Ásia e às Américas, e o sexto à África. Seu sucesso foi imediato porque, além de tratar da cosmografia, também se ocupava principalmente da geografia, como se evidencia pelo número de livros acima citados, de maneira atualizada para a época, sendo profusamente ilustrada com centenas de xilogravuras¹², mostrando pessoas, cenas, animais e plantas, além dos mapas em folhas duplas que já utilizara em 1540.

Embora já estivesse na terceira edição em 1548, a *Cosmographia* de Sebastian Münster esbarrava em um problema, existente ainda hoje, o idioma, que pode representar um obstáculo para a difusão e sucesso comercial de uma obra. Daí sua decisão de publicá-la em latim, tendo sua primeira edição em 1550¹³, justamente da qual a Biblioteca do Exército Português possui o exemplar ora estudado, e no qual veremos como o Brasil aparece.

¹¹ APIANO & FRISIUS (1545, p. 30 e 30v). Portanto, é evidente que o mapa de Münster foi o primeiro com a gravura, diferente do que pensaram Sanz (1970, p. 126) e Martínez Martín (2010, p. 250).

¹² A produção das xilogravuras, tanto das pequenas imagens como dos mapas, envolveu, além dos cartógrafos como o próprio Sebastian Münster, um grande número de gravadores e mesmo alguns pintores consagrados da época (BAGROW, 2010, p. 21, HERNANDO SANZ, 2010, p. 140-143).

¹³ Além do alemão e do latim, ela foi impressa em francês, italiano e tcheco, algumas com modificações feitas pelos editores locais, totalizando mais de trinta edições entre 1544 e 1628 (RULAND, 1962).

No Livro V. “Das novas ilhas, como, quando e por quem foram encontradas”, há um resumo sobre as narrativas e as navegações empreendidas à América, entre elas as de Cristovão Colombo e aquela de Américo Vespúcio, já antes publicada integralmente por Martin Waldseemüller em 1507, e considerada apócrifa. Em um tópico redigido a partir dos escritos de Colombo, intitulado *Canibais antropófagos*, afirmou-se que eles são “pessoas selvagens que apreciam muito a carne humana”. E, para não haver dúvidas, uma xilogravura mostrando dois canibais cortando um corpo sobre uma mesa, onde uma cabeça humana é bem evidente¹⁴, reforça o texto.

Mas é o resumo da terceira viagem de Américo Vespúcio o mais impactante. Ele conta que “foi chamado em Castela pelo rei de Portugal, Manuel. Isso foi em 1501”. E que em 10 de maio daquele ano partiu do porto de Lisboa, e após viagem com algumas peripécias chegou ao litoral oriental da América do Sul em 17 de agosto de 1501¹⁵, quando “Tomamos posse da terra em nome do sereníssimo rei de Castela¹⁶ (sic) e a achamos muito amena, verde e com aparência boa. Está cinco graus fora da linha equinocial para o sul”, o que aponta para o litoral do atual estado do Rio Grande do Norte, talvez nas proximidades de Touros.

Vendo ao longe um grande número de índios sobre um monte, tentaram atraí-los, sem sucesso. Então despacharam alguns emissários, enquanto tentavam contato. Passados vários dias, finalmente os índios mandaram algumas “mulheres que se mostraram mais familiares com os espanhóis (sic)”, que decidiram enviar então “um jovem do seu pessoal, forte e disposto”. Assim que chegou à praia, as mulheres

¹⁴ MÜNSTER (1550, p. 1100). Esta é a mesma gravura que apareceu no mapa de 1532, que comentamos antes. Retomamos para comentar que a mesa foi desenhada como um móvel europeu, e um dos canibais é representado usando um cutelo, uma ferramenta que não existia na América de então. A mesma gravura aparece na página 1094, mas sem qualquer ligação com o texto ao qual está junto. Aliás, a repetição das xilogravuras, sem articulação com o texto, meramente como elemento imagético foi uma prática corriqueira no livro, com exceção dos mapas. A quantidade foi tão grande que resultou na média de uma gravura por página.

¹⁵ O que indica ser a expedição comandada por Gaspar de Lemos, e que percorreu grande parte do litoral do Brasil e do Uruguai.

¹⁶ Por isso entendeu que os membros da terceira viagem eram “espanhóis”, o que reforça que Américo Vespúcio não escreveu aquelas narrativas, na medida em que a expedição foi feita em navios portugueses sob os ordens de D. Manuel I.

“começaram a tocá-lo e apalpá-lo”. Ao mesmo tempo “uma mulher desceu do monte, e bateu com um pau no jovem por trás, com força, e ele caiu morto. As outras mulheres rapidamente se apoderaram do corpo, arrastando-o pelos pés até o morro”, e logo “as mulheres que haviam matado o jovem, estavam agora o cortando em partes à vista dos espanhóis (sic), e não somente lhes mostravam os pedaços e restos dele, mas também os assavam em um grande fogo e os comiam. Os homens também deram a entender por sinais que eles tinham feito a mesma coisa como os dois outros enviados oito (sic) dias antes”¹⁷. Isso explicaria então porque, desde a primeira vez que o mapa duplo *Tabula novarum insularum, quas diversis respectibus Occidentales & Indianas uocant* fora impresso em 1540¹⁸, a porção da América em que está a região nordeste do Brasil recebeu a significativa imagem de uma oca estilizada¹⁹, tendo à esquerda uma perna humana direita inteira pendurada e, à direita, a cabeça de um índio que olha para o litoral, como a vigiá-lo. E, caso houvesse ainda alguma incerteza de que naquela parte da América “havia seres sorrateiros, que habitavam as florestas, e eram antropófagos não fosse entendida, não restaria dúvida ao consulente se ele lesse a palavra colocada logo acima e à esquerda daquelas imagens, *Canibali*”²⁰ (Figura 1).

¹⁷ MÜNSTER (1550, p. 1110-1111).

¹⁸ Na *Geographia* de 1540, o mapa tem o título de *Novae Insulae XVII – Tabula Nova*, e todas as legendas estão em latim, tal como *Novus Orbis*. Na primeira edição alemã da *Cosmographia* de Münster, o mapa recebeu o título de *Die neüwe Inseln / so zu unsern Zeiten durch die König von Hispania im grossen Oceano gefunden sindt*, e somente a legenda *Novus Orbis* foi substituída por *Die Nüw Welt* (MÜNSTER, 1544, np).

¹⁹ Trata-se basicamente da mesma xilogravura já comentada do mapa de 1532, e que aparece também nas páginas 1101 e 1158, sem a perna e a cabeça do índio, e sem qualquer ligação com o texto ao qual está junto.

²⁰ CORRÊA-MARTINS (2009, p. 67-68).



Figura 1 – Mapa *Tabula novarum insularum, quas diversis respectibus Occidentales & Indianas uocant* da *Cosmographia Universalis* de Sebastian Münster. Xilogravura, 33 X 25,5 cm (excluído o título). Destacadas a imagem relativa aos canibais no Brasil e os estandartes de Portugal e Espanha. Imagem tratada digitalmente para este trabalho.

Contudo, há algumas considerações a serem feitas. A questão do canibalismo não era uma exclusividade dos habitantes do Brasil dentro do Novo Mundo, já que outros, inclusive o próprio Colombo, fizeram mais registros a respeito na região da América Central. Então por que a ilustração foi colocada no território brasileiro? Acreditamos que a resposta tem duas partes. Para além do episódio ocorrido em 1501, o fato é que onde havia espaço para a inserção de um desenho sobre esses “terríveis” habitantes da América era justamente naquela porção do mapa. E mesmo que os canibais já tivessem aparecidos

em outros mapas anteriores, como nos de 1532 e 1545, é através da *Cosmographia Universalis* que o mapa de 1540 iria alcançar ampla divulgação, tanto pelo número de edições como pela quantidade de exemplares impressos. E, como nós, seres humanos, temos uma maior facilidade para a memorização de imagens do que de textos, a gravura dos canibais em terras brasileiras tornou-se uma memória persistente por muito tempo, já que era reforçada tanto por narrativas daqueles que tinham estado no Brasil, como André de Thévet, Hans Staden e Jean de Léry, ou em textos como o de Pero Magalhães de Gandavo²¹ e de Michel de Montaigne, que só podiam ser lidos por uma pequena fração da população europeia²².

Ainda falando da *Tabula novarum insularum*, vemos que o território da América ocupa a parte central do mapa, e a representação ilustra o conhecimento precário de então. Ainda sim alguns topônimos são encontrados, especialmente nas porções central e norte, enquanto na América do Sul, o espaço é ocupado por ilustrações, além da já acima descrita, e algumas legendas, das quais duas se destacam pelo tamanho das letras, *Novus Orbis* e *Die Neue Welt*, além de *Insula Atlantica quam uocant Brasili & Americam*, esta em tamanho menor. É importante ressaltar um fato por vezes esquecido, de que Münster usou a ideia do mapa de Waldessemüller de mostrar as possessões na América indicadas pelos estandartes desfraldados da Espanha e de Portugal, o primeiro no Caribe, e o segundo na altura do Saliente Nordeste brasileiro, simbolizando a posse daqueles territórios por aquelas coroas, consequência direta do Tratado de Tordesilhas, assinado em 1494²³ (Figura 1).

O exemplar da *Cosmographia Universalis* em análise ainda traz outros aspectos dignos de nota. As obras de Sebastian Münster, como de outros escritores ligados à religião protestante, foram incluídas na primeira edição do *Index* em 1559²⁴, sendo classificado na “Primeira

²¹ Ainda hoje se discute se ele esteve ou não no Brasil.

²² Para efeitos de estimativas, o analfabetismo em Portugal, em 1890 atingia a casa de 76% (A. Nóvoa apud CANDEIAS, 1999, p. 594), o que permite supor que o público leitor no século XVI na Europa não devia ultrapassar a casa dos 10%.

²³ CORRÊA-MARTINS (2009, p. 66-67).

²⁴ [IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA], (1559, Np).

Classe”, porque, mais dos que seus escritos, ela se destinava “aos Escritores e Autores que foram hereges ou suspeitos de heresia”, e assim “estavam proibidas todas as suas obras, tanto as já existentes como outras que pudessem escrever”²⁵. Ora, o exemplar traz uma marca de posse manuscrita que aponta para o Convento da Graça em Lisboa, e por isso não surpreende que a página em que está a xilogravura do retrato de Münster esteja censurada²⁶, assim como todo o texto ali existente, se acrescentado no alto, de forma manuscrita, uma pequena nota biográfica em latim, na qual a palavra “apostata” surge logo depois de seu nome (Figura 2).

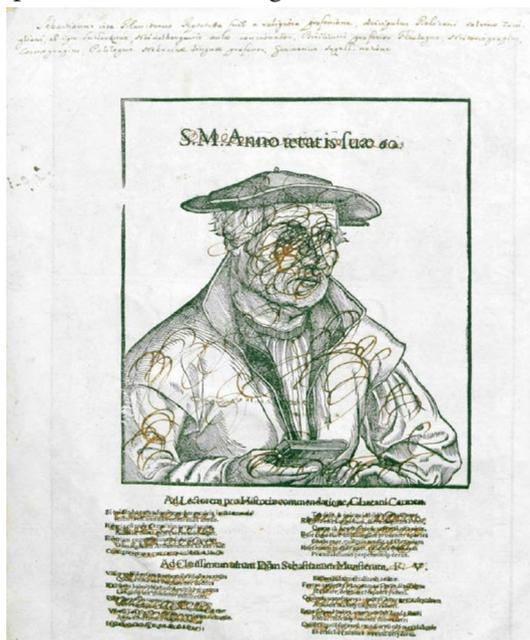


Figura 2 – Detalhe da folha da *Cosmographia Universalis*, onde a imagem e texto relativo ao Sebastian Münster foram censurados. Xilogravura, 16 X 13 cm (dimensões do retrato). No alto, a nota manuscrita pelo censor. Imagem tratada digitalmente para este trabalho.

²⁵ [IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA], (1612, p. 10).

²⁶ Os retratos e textos relativos ao Erasmo de Roterdá e Sebastian Münster, respectivamente nas páginas 130 e 407 também foram censurados.

Os nomes de outros autores incluídos no *Index*, tais como os de Georgius Agricola e Iacobus Zieglerus, e que aparecem na *Lista de homens instruídos que, com a ajuda de seus escritos, temos utilizado nesta obra*, composta pelo cosmógrafo germânico, foram devidamente assinalados, enquanto os demais nomes não sofreram notação, tal como o de *Damianus à Goës*²⁷. Contudo, na edição espanhola do *Index* de 1612, várias obras de Sebastian Münster foram expurgadas, entre elas a *Cosmographia Universalis*²⁸, ou seja, passavam a ter novamente livre consulta, o que levou provavelmente o bibliotecário do convento a registrar isso na margem direita, ao alto, da folha de rosto, no ano de 1629.

O Brasil em dois “almanaques científicos” portugueses

Durante um longo período, do século XV ao XIX, houve um tipo de publicação que se foi muito popular em Portugal, como de resto em toda a Europa. Trata-se dos almanaques, um guia ou instrumento “onde se encontram elementos para a organização do quotidiano” e “tendo por base um calendário anual”, trazendo, entre outros tipos de informações, “as posições dos astros, as fases da lua, as festividades religiosas, os dias de jejum”, “as cronologias da história universal ou portuguesa, as listas de provérbios ou as regras de higiene”, bem como “previsões sobre as variações climatéricas e se referem os trabalhos agrícolas adequados a cada momento, contendo pequenas ilustrações”²⁹, o que tornava esses livros menos áridos. Assim, não é surpresa a existência na Biblioteca do Exército da *Chronografia ou*

²⁷ O que não quer dizer que o cosmógrafo germânico tivesse uma visão favorável dos portugueses. Em função de algumas opiniões negativas publicadas tanto na *Geographia* como na *Cosmographia*, Damiano de Góes, que conhecera Münster pessoalmente entre 1532 e 1533, se envolveu em uma polémica com o sábio germânico. Para maior aprofundamento, indicamos GÓIS (2009, p. 6, 112-117, 331-332, 354-357 e respectivas notas).

²⁸ [IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA], (1612, p. 91).

²⁹ LISBOA (2008, p. 11, 12 e 13).

*Reportorio dos tempos*³⁰, da autoria de André de Avellar³¹, de 1594 e *Chronographia: Reportorio dos tempos*, de Manuel de Figueiredo³², de 1603³³, que, coincidentemente, possuem títulos muito parecidos, e são classificados como “almanaques”³⁴.

Contudo, Henrique Leitão considerou, entre outros, os “Repertórios de tempos” como “livros científicos de tipografia portuguesa”, e fazendo um paralelo com a realidade espanhola do século XVI, acreditava que os livros científicos em Portugal daquele período “nunca passaram os dez por cento do total das obras impressas”³⁵. De fato, ao examinarmos os citados livros de André de Avellar e de Manuel de Figueiredo, encontramos tabelas com meridianos e paralelos de diversas localidades da Terra, além de tábuas de maré, o que nos leva a concordar com a opinião de Henrique Leitão. Aliás, o livro de Figueiredo traz prescrições sobre o fabrico e uso do quadrante geométrico, da balestilha, e de relógios solares (FIGUEIREDO, 1603, p. 220v-284). Devemos assinalar que em função dessas características científicas, Vicente M. M. C. Almeida d’Eça afirmou que os *Reportorios dos tempos* foram muito empregados pelos navegadores do século XVI, posto que eles “faziam o serviço das atuais *Efemerides* e *Almanaques náuticos*”³⁶, afirmação essa que não é aceita de forma pacífica. E, como essas obras trazem conteúdos relativos ao Brasil, elas foram incluídas neste estudo.

³⁰ Esta obra de André de Avellar foi objeto da dissertação de mestrado de (COSTA 2001). E, apesar de ter sido condenado pela Inquisição, não há evidências de que seu autor ou sua *Chronographia ou reportorio dos tempos* tenham sido incluídos no *Index*, como afirmaram Filhioais e Martins (2008).

³¹ Cristão novo, nascido em Lisboa em 1546, se converteu e vestiu hábito sacerdotal quando enviuvou. A obra ora analisada abriu caminho para sua admissão como lente de matemática na Universidade de Coimbra em 1592, onde também foi bibliotecário, sendo jubilado e depois recontratado, até 1620. Denunciado em interrogatórios, envolvido em intrigas pessoais e perseguições aos cristãos novos, sofreu duas prisões do Santo Ofício de Coimbra, por práticas judaizantes, ou seja, sem qualquer relação com suas obras, terminando por denunciar os próprios filhos e sofrendo dois autos de fé. Foi enviado preso para Lisboa em 1623, com 81 anos, condenado ao “cárcere perpétuo” (BRAGA, 1894, p. 492-493, 601-609, 814-815).

³² Cosmógrafo mor entre 1608 e 1623, quando morreu (D’EÇA, 1894, p. 41).

³³ Segundo (BRAGA, 1895, p. 815) a obra de Avellar, teve cinco edições, três em Lisboa (1585, 1594 e 1602) e duas em Coimbra (1590 e 1593). Afirmou ainda que “d’esta obra [de Avellar] se aproveitou Manuel de Figueiredo para a sua *Chronographia*”, observação que não vimos em outros livros que abordam essas obras.

³⁴ GALVÃO (2002, p. 124 e 138).

³⁵ LEITÃO (2004, p. 20, 36-37). Este mesmo autor afirmou que a indústria livreira portuguesa “foi de reduzida dimensão e teve sempre um papel subsidiário relativamente às empresas estrangeiras, servindo sobretudo para satisfazer necessidades locais” e que a ida da universidade para Coimbra fomentou a tipografia lusitana, antes praticamente restrita à Lisboa (LEITÃO 2004, p. 35-36).

³⁶ D’EÇA (1894, p. 20). Grifos no original.

Mas antes, um esclarecimento. Embora o *Index* tenha estabelecido, em sua Regra IX, a proibição de livros adivinhatórios ou que contivessem sortilégios ou feitiços, permitia a publicação daqueles em que “os juízos e naturais observações que estão [neles] escritas e se fazem para ajudar a Navegação, a Agricultura ou a Medicina, e aqueles que tocam ao conhecimento dos tempos e sucessos gerais do mundo, que necessária ou frequentemente provem de causas naturais, as quais não pertencem à adivinhação”³⁷.

Examinando a *Chronografia ou Reportorio dos tempos*, verificamos que ao abordar a Cosmografia e a Geografia, André de Avellar utilizou tanto autores clássicos, como Aristóteles, Plínio, Pomponio Mella e Ptolomeu, como “outros deste tempo”, entre os quais Pedro Apiano, Gemma Frisius e “Abraham Ortelio (sic) no seu Theatro do mundo”³⁸, o que demonstra que estava ao par das principais obras então existentes.

Ao tratar “Do mundo novo” no final do século XVI, André de Avellar afirmava que “chama-se com razão esta imensa terra mundo novo, pois contém três partes, que na extensão não são menores que as três do mundo em que vivemos³⁹, e na riqueza lhe são superiores”. E que este mundo novo, a América, era vulgarmente chamada de “Índia Ocidental”, o que era incorreto, “pois a Índia se diz do rio Indus no Oriente”, e que a porção “a que os espanhóis chamam terra firme compreende o Peru, e a província de Santa Cruz, que chamam Brasil, a qual foi descoberta por Pedralvares Cabral, capitão mor da segunda armada, que el Rey Dom Manuel de Portugal mandou à Índia”. E que alguns acreditavam “ser este mundo novo o que Platão descreve debaixo do nome de Atlântida. Outros dizem ser aquela ilha a qual diz Aristóteles, nos livros de *miraculis naturæ*, ser descoberta por gente de Cartago” (AVELLAR, 1594, p. 55-55v).

³⁷ [IGREJA CATÓLICA APÓSTÓLICA ROMANA], (1612, p. 5-6).

³⁸ AVELLAR (1594, p. 49-49v).

³⁹ Referência à antiga divisão do mundo conhecido pré-grandes navegações, ou seja, Europa, África e Ásia (AVELLAR, 1594, p. 129).

Na “Tábua de diferença dos meridianos de alguns lugares mais significativos”, referidos ao meridiano de Lisboa, e relativa às tábuas de Lunários, André de Avellar, além de fornecer os meridianos na África, Índia, China e Japão, incluiu dois “Lugares do Brasil”, Pernambuco e a Baía de Todos os Santos (AVELLAR, 1594, p. 237v).

E, no fim do livro, entre as latitudes ali listadas, encontramos as “Alturas da terra do Brasil, da banda do Sul” um conjunto de dados relativos ao litoral ocidental da América do Sul, que vai desde a altura da Baía de Cumã, no Maranhão, passando entre outros pontos da costa brasileira, entre elas a foz do “Rio de São Francisco”, o “Cabo Frio” e o “Rio de Cananéia”, até o Cabo de Santa Maria, próximo à banda setentrional do Estuário do Rio da Prata, já no Uruguai (AVELLAR, 1594, p. 256-256v).

No livro de Manuel de Figueiredo são poucas as referências dos autores de que se utilizou quanto à Geografia, citando especificamente Plínio e o *Almagesto* de Ptolomeu (FIGUEIREDO, 1603, p. 118 e 127v). Sobre a América, afirmou que antes “era incógnita por não terem notícia de haver mais mundo senão tudo água, mas depois a cobiça de reinar abriu caminho para descobrir tantas riquezas quantas neste mundo novo há”, que a América “tem muitas províncias, nela está o Brasil, o Peru, e as Índias que chamamos de Nova Espanha”, que “é muito rica de ouro, de prata e açucares, e outras coisas muitas nela se criam”, assinalando ainda “o rio grande [Amazonas] que sai no mar oceano quase um grau da banda do sul” (FIGUEIREDO, 1603, p. 131)⁴⁰.

O texto de André de Avellar parece refletir um maior cuidado em sua construção, buscando inclusive desfazer alguns enganos, enquanto o de Manuel de Figueiredo está redigido em tom semelhante ao início dos descobrimentos. Mas, de maneira geral, as exposições de Avellar e Figueiredo sobre a América e o Brasil refletem o pouco conhecimento então disponível, mas reforçam o imaginário relativo às grandes extensões de terras e das riquezas que ali existiriam, e que poderiam funcionar como atrativos para aqueles que desejassem conquistar tais fortunas.

⁴⁰ No texto impresso aparece tanto “America” como “a Merica”.

Contudo, para além das ligeiras descrições sobre as terras recém-descobertas, esses dois livros trazem duas ilustrações reproduzidas aqui (Figuras 3 e 4) que, de forma complementar, disponibilizavam ao homem comum daquele tempo, sem os recursos para comprar as custosas cosmografias ou os reservadíssimos mapas manuscritos, uma visão do mundo desvelado pelas grandes navegações. São duas xilogravuras⁴¹ que, produzidas sem dúvida, a partir de mapas constantes em obras publicadas no estrangeiro, talvez fossem as primeiras produzidas e impressas em Portugal com essa temática⁴².



Figura 3 – Figura do sítio e forma que tem a terra com a água (AVELLAR, 1594, p. 52). Xilogravura, 8,2 X 8,1 cm. Imagem tratada digitalmente para este trabalho.

⁴¹ Outra diferença entre as obras de Avellar e Figueiredo são as ilustrações, mais bem-acabadas no caso do primeiro, como as figuras mitológicas relativas aos planetas desenhadas de acordo com os cânones clássicos típicos do Renascimento, enquanto no segundo caso elas apresentam um aspecto menos refinado, lembrando gravuras de livretos de cordel.

⁴² Lembramos que na *Historia da provincia [de] sa[n]cta Cruz a qui' vulgarme[n]te chamamos Brasil*, de Pero Magalhães de Gandavo, o primeiro livro impresso em Portugal sobre a colônia lusitana na América, trazia apenas duas ilustrações, e nenhuma delas relativa à geografia daquelas terras. Disponível em <https://archive.org/details/historiadaprouin00gand>.

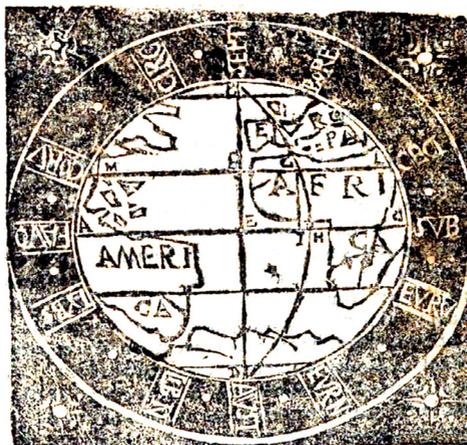


Figura 4 – Figura da terra – globo terrestre (FIGUEIREDO, 1603, p. 128v). Xilografura, 8,2 X 8,1 cm. Imagem tratada digitalmente para este trabalho.

A colônia portuguesa americana em uma singular ferramenta de trabalho

O advento da Reforma Protestante afetou principalmente a porção setentrional da Europa e, naquele contexto, a região dos Países Baixos se insurgiu contra seu rei, o espanhol Felipe II, desencadeando um período de conflitos que, ao final de oitenta anos, resultou na Paz de Westfália em 1648, seccionando aquela região nas Províncias Unidas, protestante e autônoma, enquanto os chamados Países Baixos espanhóis, católicos, mantiveram-se sob o domínio dos Áustrias. Aquela longa guerra foi catastrófica para a região de Flandres, notadamente para sua principal cidade portuária, Antuérpia, ponto de conexão tanto das rotas vindas do norte da Europa, como das especiarias orientais aportadas desde Lisboa e dos produtos trazidos das Américas pelas naus espanholas, tornando-se um grande entreposto mercantil. Essas condições permitiram que se estabelecesse naquela cidade e outras em seu entorno, tanto uma importante atividade cartográfica, fruto das atividades e intercâmbio de conhecimento náutico, como também de estabelecimentos tipográficos que poderiam atender tanto a demanda por livros como mapas, dos quais

Gerardus Mercator e Abraham Ortelius são exemplos. E eles ainda se beneficiavam com os contatos estabelecidos com seus congêneres espanhóis, ingleses e portugueses.

Contudo, com o estabelecimento da católica *União de Arrás*, pró-soberano espanhol em 1579, e da consequente organização dos rebeldes protestantes na *União de Utrech*, muitos dos principais comerciantes como também de grande parcela dos cosmógrafos e impressores se decidiu por sair de Antuérpia, que estava em território católico, e, portanto, sob jurisdição do Santo Ofício, mudando-se para o norte, para a também portuária cidade de Amsterdam, no território protestante. Este fato marcou o início da proeminência da cartografia holandesa.

Um aspecto que deve ser ressaltado é que a sistematização da coleta das informações geográficas e náuticas, trazidas pelos navegadores ao serviço das coroas de Portugal e Espanha, através dos livros de bordo e das anotações feitas nas cartas utilizadas nas viagens, foram atividades controladas pelos soberanos daqueles reinos, com o estabelecimento de uma política de sigilo⁴³, que veio a ser replicada⁴⁴ pelas Províncias Unidas⁴⁵ quando ali foram fundadas a Companhia das Índias Orientais

⁴³ O que não impediu que muitos mapas manuscritos portugueses e espanhóis terminassem em mãos de potências estrangeiras, quando não ocorria a fuga dos próprios artífices ou membros das frotas da coroa. Se as recompensas eram compensadoras, em caso de captura, o castigo era brutal. Nos tempos de D. João II, um piloto e dois marinheiros fugiram para Castela, mas foram aprisionados e os dois últimos tiveram logo suas cabeças cortadas. Quanto ao piloto, os captores fecharam sua “boca com anzóis e, em conjunto com as duas cabeças dos marinheiros, apresentaram-no ao rei em Évora, onde ele foi logo esquartejado” (MENDONÇA, 2010, p. 82).

⁴⁴ Mas não com o mesmo grau de severidade observado em Portugal. Isso porque as questões da elaboração e impressão de mapas eram encaradas pela VOC e da WIC como operações híbridas. Por exemplo, embora a família Blaeu trabalhasse para a VOC, produzindo cartas e manuais de navegação, além de atualizar as cartas utilizadas pelos pilotos da companhia, e que não podiam ser publicados, se beneficiava tanto daquelas informações, ao elaborar, imprimir e comerciar obras como o *Theatrum orbis terrarum, sive, Atlas novus* (1635-1658), que resultou no *Atlas Maior* (1668-1672), como também da associar-se ao nome da companhia, gozando de sua reputação. E é muito provável que os diretores da VOC tinham controle do que era publicado, como ocorria com seus colegas da WIC (ZANDVLIET, 2007, p. 1440, 1442, 1448 e 1450).

⁴⁵ Ainda assim foram publicados alguns roteiros, como o *Spiegel der Zeevaerdt* (*Espeho da Navegação*), de Lucas Janszoon Waghenaeer, de 1584 e o *Hydrographia, Exame de Pilotos, no qual se contem as regras que todo Piloto deve guardar em suas navegações, assi no Sol, variação dagulha, como no cartear, com algumas regras da navegação Fe Leste, Oeste, com mais o Aueo numero, Epactas, Marés, & altura da Estrella Polar. Com os Roteiros de Portugal pera o Brasil, Rio da Prata, Guiné, Sam Thomé, Angolla, & Indias de Portugal, & Castella*, de Manuel de Figueiredo, de 1608, o primeiro impresso em Portugal sobre o tema, autor do qual vimos a *Chronographia* de 1603. Sobre os roteiros holandeses, SCHOTTE (2013, p. 289-290).

(VOC, em holandês) e a Companhia das Índias Ocidentais (WIC, idem), respectivamente, em 1602 e 1621⁴⁶, que visavam tomar o controle das várias regiões ao leste, no Extremo Oriente, e ao oeste, na costa ocidental africana, no Caribe e na América, pertencentes à Espanha, sua inimiga, a qual detinha também a posse das colônias de Portugal, já este esteve a ela unido entre 1580 e 1640 em função de uma crise dinástica.

Nesse sentido, o surgimento da WIC, além de estimular a “tradução e publicação de obras de autores estrangeiros”, também apoiou trabalhos de holandeses, especialmente em relação ao Atlântico. E aqui se insere o livro *Toortse der zee-vaert (Tocha da Navegação)* publicado em 1623, e escrito por Dierick Ruiters, que havia ficado um período prisioneiro no Brasil, no Rio de Janeiro e em Pernambuco, de onde fugiu, e que compilara “um manual de navegação para viagens à área do Atlântico Sul”, e para o qual, além das observações pessoais, utilizou duas obras de autoria do mesmo Manuel de Figueiredo⁴⁷, de 1608 e 1614, que vimos há pouco.

Os resultados do mapeamento de parte do nordeste brasileiro, ocupado pela Companhia das Índias Ocidentais entre 1630 e 1654, são bastante conhecidos através da obra de Georg Marcgraf, e que Joan Bleau utilizou para produzir seu mapa mural em 1647. Os mapas produzidos por esses dois autores têm a característica de apresentar um bom detalhamento na região costeira, mas que não se estende em direção ao interior, revelando o caráter litorâneo da ocupação. Assim, para ocupar o “vazio geográfico”, foram ali desenhadas cenas da vida na colônia, que são importantes iconografias sobre aquele período. A evolução das questões econômicas e políticas na Europa e América afetaram a VOC e a WIC de maneira distintas. Enquanto a primeira atingiu o final do século XVIII, a segunda foi extinta em 1674 por problemas financeiros, desaparecendo assim as razões que impediam a publicação de mapas e cartas de marear da região atlântica. Isso permitiu ao comerciante de instrumentos náuticos, editor e impressor Johannes van Keulen, juntamente com o geômetra e mestre de matemática Claes Jansz Vooght/Nicolas Janszoon Vooght

⁴⁶ ZANDVLIET (2007, p. 1434-1437 e 1449).

⁴⁷ ZANDVLIET (2007, p. 1450).

a produzirem em Amsterdam inicialmente o *Zee-Atlas* (*Atlas do Mar*), logo seguido em 1681 do *Zee-fakkel* (*Tocha do Mar*), um guia de navegação. Inicialmente foram publicadas as partes que relativas à Europa, aparecendo sucessivamente as partes relativas à América do Norte e Caribe, concluindo com a costa ocidental africana e da América do Sul em 1685, quando recebeu o título *De Nieuwe Grootte Lichtende Zee-Fakkel* (*A Nova Grande e Brilhante Tocha do Mar*).

Essa obra distinguiu-se daquelas dos concorrentes por várias características⁴⁸, tais como a grande quantidade de mapas náuticos, por detalhes ampliados de áreas de interesse encartadas no referidos mapas, além de trazer à parte um texto com as condições de navegação da costa cartografada e outras observações, onde setores da região costeira eram representados em perfil, como visto a partir do mar, para auxiliar no reconhecimento e navegação, conhecimentos essenciais para comandantes, pilotos e tripulações em demanda de regiões distantes ou pouco conhecidas. Por isso atingiu uma posição preponderante naquela área de conhecimento no final do século XVII e início do XVIII, sendo traduzida para o francês, italiano, espanhol e alemão⁴⁹, repetindo os mapas da edição holandesa.

É evidente que esse tipo de publicação não podia se comparar ao esmero voltado às edições dos atlas terrestres de então, que envolviam um maior número de artífices, entre eles os que iriam colorir os mapas e as ilustrações, já que enquanto estes eram voltados para estudo e contemplação, aqueles eram instrumentos de trabalho⁵⁰.

A Biblioteca do Exército Português possui um exemplar da edição espanhola da obra de Claes Jansz Vooght/Nicolas Janszoon Vooght, “*La Nueva, y Grande Relumbrante Antorcha de la Mar*”⁵¹, cujo exame revelou semelhanças com aquele existente na Biblioteca Nacional de España, dito de 1699, e outro depositado no Instituto de Estudos

⁴⁸ Entre as características compartilhadas, estavam a pequena escala dos mapas e o fato de serem desenhados no padrão dos portulanos, embora trouxessem na moldura os valores das latitudes e longitudes das áreas representadas, sendo que as longitudes não estão registradas em todos os mapas, diferente do que ocorre com as latitudes.

⁴⁹ KOEMAN (1961, p. 54 e 133-134), ZANDVLIET (1998, p. 186), ZANDVLIET (2007, p. 1453).

⁵⁰ HORCH (1972: 192 e 196). O que não impediu que alguns mapas da obra de Vooght fossem colorizados, provavelmente atendendo uma demanda de clientes específicos, já que isso encarecia o exemplar final.

⁵¹ VOOGHT (1699, np).

Brasileiros, no Brasil, sobre o qual se afirmou ter um “arranjo irregular e inconsistente”⁵². Ora, longe de parecer algo descuidado, isso na verdade refletia o caráter comercial do projeto de Johannes van Keulen, pois que as folhas de texto relativas aos guias de navegação, bem como os mapas, podiam ser comprados separadamente, ou seja, de acordo com as necessidades de cada cliente, como aliás se refletiu na própria sequência de publicação na década de 1680⁵³, e das posteriores atualizações que obra sofreu, especialmente no tocante aos mapas que, impressos a partir de chapas de cobre gravadas, possibilitavam realizar correções, algo que as xilogravuras não permitiam.

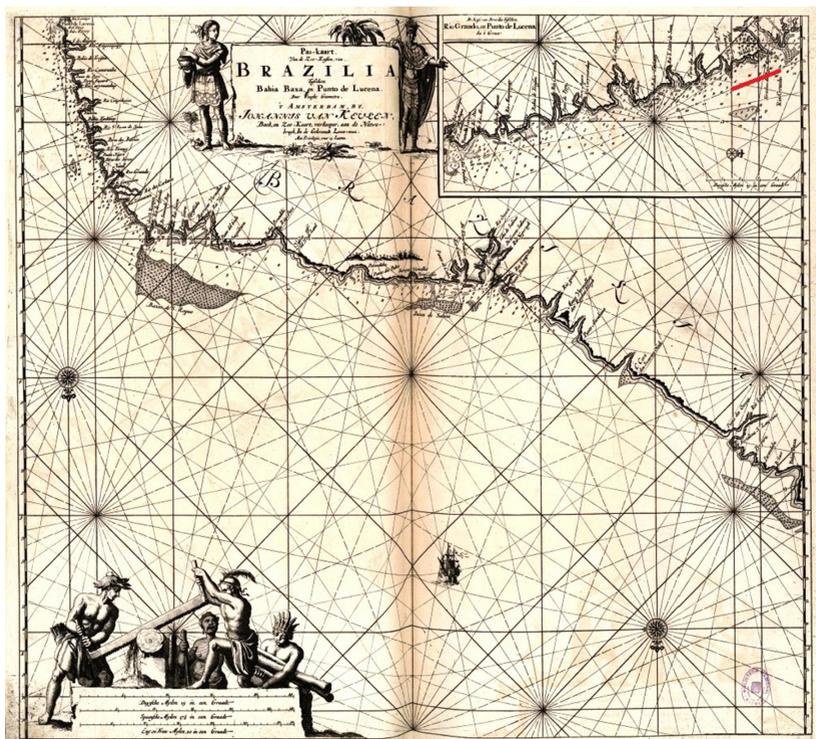
Assim, na “quarta parte” temos “Dela (sic) Nueva y Grande Relumbrante Antorcha De La Mar, Libro Segundo. Que Contiene. La Description delas (sic) Costas Maritimas de Brazil”, um caderno com 20 páginas onde foi seguido o esquema geral da obra. Nele se dividiu o litoral em dez “demonstrações das costas do Brasil”, sendo descrita em setores (as “demonstrações”), desde o Cabo Norte até o Cabo de Santa Maria, hoje Uruguai, já às margens do Rio da Prata, com explicações de como se aproximar de determinada parte da costa, como ali navegar, as condições gerais reinantes, assinalando inclusive as sazonalidades climáticas locais, as distâncias entre pontos relevantes, os principais rios, assim como as latitudes de locais de interesse.

Por exemplo, ao tratar do trecho entre “Bahia Baxa y Punto de Luzena”, ou seja, entre as proximidades da foz do Rio Pirangi, no Ceará, e Lucena, na Paraíba, diz que do “Cabo de S. Roco (sic) a costa se estende até Guinepabu (sic) (...) e está rodeada de dunas de areia como na Holanda”, alertando para os perigos de passar ali “com grandes navios, mas que com barcas ou botes normalmente não há risco”, que ao sul corre “o Rio Grande, também chamado Rio Potein (sic), um grande rio que é muito largo, na embocadura do qual, sobre a ponta meridional está o Forte dos Reis Magos, para os flamengos, o Forte de Colaña (sic), que é cercado pela água na maré alta”, e ao

⁵² HORCH (1972, p.191, 193-196).

⁵³ Ou seja, a ideia de uma publicação em fascículos não é nova.

sul está “*Ponto (sic) Negro*”, perto do qual há um banco com 5 braças de profundidade e ali há muito peixe para pescar, mas é muito sujo e pedregoso, mas bem perto da terra há um bom fundeadouro”⁵⁴. Como essa parte requeria uma navegação mais cuidadosa, no mapa relativo, há um encarte com um detalhamento maior desse trecho, assim como o texto traz, ao final, o perfil da linha de costa do mesmo setor (Figura 5). E sobre a Baía de Todos os Santos, junto à qual está Salvador, a então capital da colônia, afirmava que “é uma baía larga e é espaçosa, bem povoada e alegre” e “larga para sair”⁵⁵.



⁵⁴ VOOGHT (1699, p: 3 e 4].

⁵⁵ VOOGHT (1699, p. 12). Análizada de forma conjunta, a descrição da costa do Brasil é mais cuidadosa da Bahia para o norte, provavelmente refletindo o longo período de ocupação pela WIC, entre 1630 e 1654.

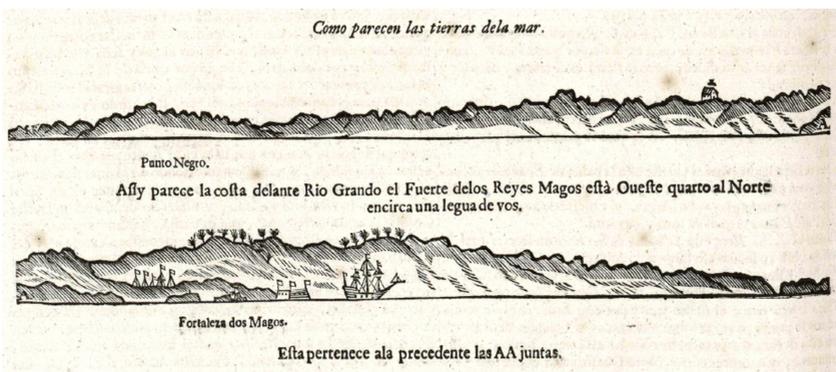


Figura 5 – Mapa da *La Nueva, y Grande Relumbrante Antorcha de la Mar*, relativo a costa brasileira, entre “Bahia Baxa y Ponto de Lucena”. O traço em vermelho é relativo às ilustrações, constante do roteiro de navegação e aqui reproduzida, que mostra a visão, desde de o mar, do relevo costeiro entre “Punto Negro”, ao sul e “Guinepabu”, ao norte, e que abarca o Forte dos Reis Magos e a foz do “Rio Grando” (sic). Mapa impresso, 51 x 57,5 cm em uma folha de 53,4 x 61,5 cm. Vista de terra, impresso, 21,8 X 9,1 cm. Imagens tratadas digitalmente para este trabalho.

Estas transcrições permitem entender e confirmar, como visto, as razões do prestígio que essa obra gozava no início dos 1700. Por isso, a marca de posse que o exemplar ora analisado traz permite relacionar seu antigo detentor com sua atividade. Trata-se de Antônio de Britto Freire, oficial da Marinha portuguesa que, em 1727 “viajou de Goa para a costa oriental de África”, no esforço para recuperar “a praça de Mombaça e restabelecer o domínio português no reino de Pate”, realizando posteriormente várias viagens entre essas duas costas. Ele voltou para Lisboa em 1732, via Cabo da Boa Esperança e Salvador, no Brasil, tendo posteriormente, como capitão de mar e guerra, comandado vários navios que faziam a proteção da “Frota da Bahia”, entre 1752 e 1762, sendo que em 1761 foi promovido ao posto de coronel de mar e guerra. Britto Freire deixou suas atividades registradas em vários diários náuticos, atualmente no acervo da Biblioteca Nacional de Portugal⁵⁶.

⁵⁶ ALMEIDA (1964, p. 72, 83, 89 e 90). Os jornais estão arquivados nos códices 485, 486 e 487. Seu nome aparece em vários expedientes no Arquivo Histórico Ultramarino, especificamente no acervo relativo à Capitania da Bahia. E, segundo a Sra. Isabel Beato, Chefe do Arquivo Histórico da Marinha em Lisboa (informação pessoal), ali também se encontram informações, no Livro Mestre nro. 384, fólhos 9 e 28, e na Documentação Avulsa: Freire, António de Brito, Caixa 743 (1758-1762).

O uso da obra de Vooght por Britto Freire para sua atividade de planejamento e controle da navegação se reflete na forma como ela foi encadernada, separando em um volume os mapas e no outro os textos que compõem o guia, possibilitando seu uso simultâneo, ao permitir que o mapa de determinada faixa litorânea fosse examinado, enquanto a “demonstração” correspondente era consultada, o que não seria possível se tudo estivesse encadernado junto, como os exemplares referidos na Espanha e no Brasil.

Conclusões

Há pouco mais de cinco séculos os europeus descobriam que a Terra não se resumia às três partes então conhecidas. A descoberta do Novo Mundo, a navegação ao longo da costa africana, a chegada à Índia e ao Extremo Oriente alargaram os horizontes. E os conhecimentos trazidos pela redescoberta da *Geographia* de Claudio Ptolomeu foram fundamentais para construção de descrições matemáticas do planeta, através de novos mapas, assim como a imprensa de tipos móveis foi o veículo para a difusão das descrições de aspectos ambientais e etnográficos das novas regiões, e mesmo das velhas partes conhecidas. Contudo, nos séculos XVI e XVII, foram as imagens impressas, primeiro através das xilografuras e depois das gravuras feitas em chapas de cobre, que acabaram por estabelecer as percepções iniciais, e porque não dizer duradouras, sobre as terras descobertas. E a despeito de uma grande quantidade de títulos produzidos, especialmente no século XVI, algumas obras se destacaram, entre elas a *Cosmographia Universalis* de Sebastian Münster. Mais do que seu texto compilado, e por vezes pouco atualizado, o fato é que entre a primeira aparição em 1545, até sua substituição em 1588⁵⁷, as trinta edições do mapa relativo às Américas, com a imagem da oca com uma perna humana pendurada de um lado, enquanto o selvagem espreita o litoral no território do Brasil, com a palavra “canibali” encimando a cena,

⁵⁷ O mapa relativo às Américas no livro de Sebastian Münster foi substituído por outro, baseado em exemplares produzidos pelos holandeses (HORCH, 1988, p. 100-103). Essa mudança atingiu as edições de 1588, 1592, 1598, 1614 e 1628, todas em alemão.

cristalizou a ideia que a colônia portuguesa na América era povoada por antropófagos.

Entre os livros impressos em Portugal no século XVI, uma parte muito pequena era de natureza científica⁵⁸. Se, em uma primeira visão, os almanaques poderiam ser entendidos como uma literatura de caráter sobretudo utilitarista, de outro há a necessidade de separar dentre eles aqueles que, a despeito do título, possuíam sim um caráter científico, como os de autoria de André de Avellar e Miguel de Figueiredo, que traziam, entre outros aspectos científicos, tabelas com meridianos e paralelos de diversas localidades, além de efemérides astronômicas, o que levou alguns estudiosos a acreditar em sua utilização nas navegações realizadas no período. Ainda que fornecessem ligeiras informações sobre o Brasil, e que reforçassem a ideia geral de terras vastas e riquíssimas, elas trazem xilogravuras que, embora utilizadas para explicar aspectos generalistas, davam uma ideia da conformação dos continentes então conhecidos, inclusive da América, e que talvez sejam as primeiras imagens impressas representando continentes feitas em Portugal.

Com o passar do tempo, outros vieram disputar a posse das novas terras descobertas, o que levou ao surgimento de novos polos de produção cartográfica, como o de Amsterdam que, trabalhando para as companhias criadas ali no início do século XVII, acabou por beneficiar-se das informações coletadas e produzir importantes atlas náuticos, entre os quais o de Claes Jansz Vooght/Nicolas Janszoon Vooght, que veio a se tornar o melhor disponível entre o final do século XVII e início do XVIII e que, no caso do Brasil, se beneficiara diretamente dos conhecimentos e levantamentos feitos durante a ocupação holandesa do salente nordestino entre 1630 e 1654, além também dos mapas ingleses, franceses, espanhóis e portugueses aos quais tiveram acesso, pelos mais diversos meios.

É aqui devemos fazer alguns esclarecimentos. É bastante conhecida a contribuição da cartografia portuguesa nos séculos XVI e XVII⁵⁹.

⁵⁸ De acordo com Macedo (1979, p. 50), dos 1904 livros impressos em Portugal no século XVI, 23 eram sobre “relatos de viagens e corografia”, e 31 versavam sobre “astronomia, matemática e repositório (sic) de tempo”.

⁵⁹ A respeito, ver ALEGRIA et al. (2007, p. 975-1068).

Contudo, os artífices e suas oficinas destinavam sua produção para um público muito selecionado, formado, entre outros, pela coroa, alta nobreza, grandes comerciantes e intelectuais, que podiam pagar o elevado preço que resultava na produção de cada exemplar. Além disso, ontem como hoje, informação é poder, e por isso são mais conhecidas as políticas de sigilo a que foram submetidos os mapas e roteiros náuticos em Portugal e Espanha, muitas vezes se esquecendo de que outros, com os Países Baixos e a França fizeram a mesma coisa⁶⁰. Por fim, verificou-se que as obras analisadas foram resultados de leituras e compilações realizadas por seus autores, debruçando-se sobre o conhecimento pré-existente e aquele que então se produzia. É muito provável que seguissem aquilo que Claudio Ptolomeu prescrevera ao abordar a história ou o registro recente, ao qual se “deve dar atenção, por causa das mudanças que ocorrem na Terra ao longo do tempo”, aconselhando que “é necessário que não aceitemos de imediato os registros de nosso tempo, antes refletindo sobre eles e os dos tempos antigos, de modo que fique claro o que é digno de crédito, e o que está errado”⁶¹ e que, passados mais de dezoito séculos, ainda é uma recomendação pertinente.

Agradecimentos

À Biblioteca do Exército Português, na pessoa de seu diretor, o Coronel Mário J. Freire da Silva, e à sua equipe, pelo acesso e apoio na pesquisa, essencial para este trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEGRIA, Maria Fernanda, DAVEAU, Suzanne, GARCIA, João Carlos, RELAÑO, Francesc. Portuguese Cartography in the Renaissance. In: WOODWARD, David (Ed.). *The History of Cartography. Vol 3. Cartography in the European Renaissance, Part 1*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007, p. 975-1068.

⁶⁰ Os mapas representando as possessões e rotas holandesas no Extremo Oriente só foram disponibilizados em meados do século XVIII e, no caso da França, somente em 1726 foi impresso um mapa de escala pequena mostrando as passagens possíveis entre o Atlântico e o Pacífico no extremo sul da América.

⁶¹ *Ptolomaei*, Munsterus (1540: Livro I, Cap. V, np).

ALMEIDA, Manuel Lopes de. *Notícias históricas de Portugal e Brasil (1751-1800)*. Coimbra: [Coimbra Editora, Limitada], 1964.

ALMEIDA, Manuel Lopes de. *Apontamentos para a biografia de André de Avelar (sic), professor de matemática na Universidade. Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 29, p. 31-72, 1967.

ALMEIDA, Maria Cândida Ferreira de. *Tornar-se outro: o Topos canibal na literatura brasileira*. São Paulo: Annablume, 2002.

APIANO, Pedro, FRISIUS, Gemma. *Cosmographia Petri Apiani per Gemmam Friisium*. Veneunt Antuerpiae: sub scuto. Basiliensi: Gregorio Bontio, 1545 - Disponível em <https://archive.org/details/cosmographiapet00apia_6>. Acesso: 17 setembro 2016.

AVELLAR, André de. *Chronographia ou reportorio dos tempos o mais copioso que te agora sayo a luz conforme a noua reformation do sancto Papa Gregorio XIII*. 3ª ed. Lisboa: em casa de Simão Lopez, 1594.

BAGROW, Leo. *History of Cartography*. Revised and enlarged by R.A. Skelton. 2nd ed. Reprinted. New Brunswick: Transaction Publishers, 2010.

BRAGA, Theophilo. *Historia da Universidade de Coimbra nas suas relações com a Instrução Publica Portuguesa - Tomo II 1555 a 1700*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Scencias, 1895.

CANDEIAS, António, A Situação Educativa Portuguesa: Raízes do Passado e Dúvidas do Presente. *Análise Psicológica*. Lisboa, 4:11, p. 591-607, 1993.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. Compilar para conhecer: alguns mapas do território colonial brasileiro da mapoteca do Arquivo Histórico do Exército. *Arquivos do Museu de Historia Natural*. Belo Horizonte. Vol. XX, T2, 2011, 63-79. Disponível em <<http://docplayer.com.br/16667870-Compilar-para-conhecer-alguns-mapas-do-territorio-colonial-brasileiro-da-mapoteca-do-arquivo-historico-do-exercito.html>>. Acesso: 10 setembro 2016.

CORRÊA-MARTINS, Francisco José. A representação cartográfica de fortificações ao longo do tempo: o caso do Rio de Janeiro”. *Anais do 3º Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica*, Belo Horizonte, 2016, p. 16-40.

Disponível em https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/2FranciscoMartins_3SBCH.pdf. Acesso: 10 setembro 2016.

COSTA, Adalgisa Botelho da. *O “Reportório dos Tempos” de André do Avelar (sic) e a Astrologia em Portugal no século XVI*. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2001. Disponível em <<http://www.ghtc.usp.br/server/Teses/Adalgisa-Botelho-da-Costa.pdf>>. Acesso: 2 janeiro 2017.

D’EÇA, Vicente M. M. C. Almeida. *O Infante D. Henrique e a arte de navegar dos portugueses. Conferencia feita em 19 de fevereiro de 1894 no Club Militar Naval*. 2ª ed., revista e augmentada com algumas notas. Lisboa: Imprensa Nacional, 1894.

FIGUEIREDO, Manuel de. *Chronographia: reportorio dos tempos, no qual se contem VI. partes, s. dos tempos: esphera, cosmographia, & arte da navegação, Astrologia rustica, & dos tempos, & pronosticação dos eclipses, cometas, & samenteiras. O calendario Romano, cõ os eclipses ate 630. E no fim o uso, & fabrica da balhestilha, & quadrante gyometrico, com hum tratado dos Relogios*. Lisboa: por Jorge Rodriguez: a custa de Pero Ramires, 1603.

FIOLHAIS, Carlos & MARTINS, Décio Ruivo. O Português, Língua de Ciência. In: CENTRO VIRTUAL CAMÕES. *Ciência em Portugal. Personagens e Episódios. Episódios*, 2008. Disponível em <cvc.instituto-camoes.pt/ciencia/e84.html>. Acesso: 2 janeiro 2017.

GALVÃO, Rosa Maria (Coord.) *Os Sucessores de Zacuto. O Almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002.

GÓIS, Damião de. *Correspondência Latina*. Estabelecimento do texto latino Introdução, tradução, notas e comentário de Amadeu Torres. [Coimbra]: Imprensa da Universidade de Coimbra. Portugaliae Monumenta Neolatina Vol. IX, 2009. Disponível em <<https://digitalis-dsp.uc.pt/jspui/handle/10316.2/2958>>. Acesso: 10 setembro 2016.

Grynaeus, Simon & Huttich, Johann. *Novus Orbis Regionum Ac Insularum Veteribus Incognitarum: unà cum tabula cosmographica, & aliquot aliis consimilis argumenti libellis, quorum omnium catalogus sequenti patebit pagina*. Basileae: I. Hervagium, 1532. Disponível em <https://reader.digitale-samlungen.de/de/fs1/object/display/bsb11197092_00001.html>. Acesso: 24 setembro 2016.

HERNANDO SANZ, Felipe Javier. Las “Civitates Orbis Terrarum”: Memoria gráfica del nacimiento de una Europa urbana y de un mundo en plena expansión”. In: MARIANO Cuesta Domingo, CARRASCOSA, Alfredo Surroca (Coord). *Cartografía Hispánica: Imagen de un mundo en crecimiento 1503-1810*. Madrid: Ministerio de Defensa, Secretaría General Técnica, (2010) - p. 137-170.

HORCH, Rosemarie Erika. La Nueva y grande relumbrante Antorcha de La Mar - um atlas marítimo. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. São Paulo, 12, 1972, 191-197.

HORCH, Rosemarie Erika. Quais as fontes para os mapas das *Novae insulae* de Sebastian Munster?. *Revista da Universidade de Coimbra*. Coimbra, 34, 1988, 85-103.

[IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA]. *Index Auctorum, et Librorum, qui ab Officio Sanctae Rom. et Universalis Inquisitionis caueri ab omnibus et singularis in uniuersa Christiana Republica mandatur, sub censuris contra legentes, uel tenente libros prohibitos in Bulla, quae lecta est in Coena Dumī expressis, et sub alijs poenis in Decreto eiusden Sacri officij contentis*. Romae, Antonium Bladum, Cameralem impressorem, de mandato speciali Sacri Officij, 1559. Disponível em <https://archive.org/details/bub_gb_t_L4X76VcN8C>. Acesso: 24 setembro 2016.

[IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA]. *Index Librorum Prohibitorum et Expurgatorum*. Madriti: Ludovicum Sanchez. Typographum Regium, 1612. Disponível em <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=ucm.5319104035&view=1up&seq=1>>. Acesso: 24 setembro 2016.

KOEMAN, C.[ornelius]. *Collections of maps and atlases in the Netherlands: Their History and Present State*. Imago Mundi Suppl. 3. Leiden: E.J. Brill, 1961.

LEITÃO, Henrique [de Sousa]. O livro científico antigo, séculos XV e XVI: notas sobre a situação portuguesa. In: LEITÃO, Henrique de Sousa, MARTINS, Lúcia de Azevedo (Coord.). *O livro científico dos séculos XV e XVI: ciências físico-matemáticas na Biblioteca Nacional*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2004, 15-53.

LISBOA, João Luís. Os almanaques. In: GALVÃO, Rosa Maria [Tavares] (Coord.). *Os Sucessores de Zacuto: o almanaque na Biblioteca Nacional do século XV ao XXI*. Lisboa: Biblioteca Nacional, 2002, p. 11-23.

MACEDO, Jorge Borges de. “*Os Lusíadas*” e a *História*. Lisboa: Editorial Verbo, 1979.

MARTINEZ MARTÍN, Carmen. Cartografía política del Brasil colonial. In: MARIANO Cuesta Domingo, CARRASCOSA, Alfredo Surroca (Coord). *Cartografía Hispánica: Imagen de un mundo en crecimiento 1503-1810*. Madrid: Ministerio de Defensa, Secretaría General Técnica, 2010, p. 247-274.

MÜNSTER, Sebastian. *Cosmographia. Beschreibung aller Lender*. Basel: Henrichum Petri, 1544. Disponível em <<http://www.e-rara.ch/doi/10.3931/e-rara-8833>>. Consult. a 4 outubro 2016.

MÜNSTER, Sebastian. *Cosmographiae universalis lib. VI, in quibus juxta describuntur omniu habitabilis orbis partiu situs*. Basileae: Henrichum Petri, 1550.

PTOLOMAEI, Claudii, [MUNSTERUS, Sebastianus]. *Geographia Universalis, vetus et nova, complectens*. Basileae: Henricum Petrum, 1540. Disponível em <https://archive.org/details/bub_gb_nYGntfTw8e-gC>. Acesso: 3 outubro 2016.

RULAND, Harold L. A Survey of the double-page maps in thirty-five editions of the *Cosmographia Universalis*, 1544-1628, of Sebastian Münster and his editions of Ptolemy's *Geographia*, 1540-1552”. *Imago Mundi*. London. 16, 84-97, 1962.

SANZ, Carlos. *Ciento noventa mapas antiguos del mundo de los siglos I al XVIII que forman parte del proceso cartográfico mundial*. Madrid: Imprenta Aguirre, 1970.

SCHOTTE, Margaret. Experts Records: Nautical Logbooks from Columbus to Cook. *Information & Culture: A Journal of History*. Austin. 48:3, 281-322, 2013.

SCHWARTZ, Seymour I. & EHRENBERG, Ralph E. *The Mapping of America*. New York: H.N. Abrams, 1980.

VESPÚCIO, Américo. *Novo mundo: as cartas que batizaram a América*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Darcy Ribeiro, 2013. Disponível em <<http://www.fundar.org.br/bbb/index.php/project/novo-mundo-as-cartas-que-batizaram-a-america-americo-vespucio/>>. Acesso: 24 setembro 2016.

VOOGT, Nicolas Jansz. *La nueva, y grande relumbrante antorcha de la mar: Que Contiene La description de las costas Maritimas Meredionales de la Mar del Nord, de la Mancha, Inglaterra, Escocia Irlanda, Costas de Francia de Espana, Maroco, Gualera, Genchoa, y Gambia, con las Islas adjacentes, y aquellas de Assores de Canaria, y del Cabo-Verde. Como Tambien. La description de todos los puertos Bajas, Radas, Baxios, Profunduras, distancias, Boquerones, o aberturas de tierras en sus verdaderas alturas Polares, ultimamente Recogida por la experiencia de muchos entendidos Marineros, y Pilotos aficionados de la Navigation*. Amsterdam: Casa de Joannes van Keulen 1699.

[WALDSEEMÜLLER, Martim]. *Cosmographiae introductio: cum quibusdam geometriae ac astronomiae principiis ad eam rem necessariis. Insuper quatuor Americi Vespucij navigationes. Universalis cōsmographiae [sic] descriptio tam in solido q[uam] plano/ eis etiam insertis qu[a]e Ptholom[a]eo ignota a nuperis reperta sunt*. [Urbs Deodate/St. Dié des Voges]: [Walter et Nikolaus Lud, Finitu[m], [1507]. Disponível em <<https://www.loc.gov/item/05016176/>>. Acesso: 10 setembro 2016.

ZANDVLIET, Kees. *Mapping for Money: Maps, Plans, and Topographic Paintings and Their Role in Dutch Overseas Expansion during the 16th and 17th Centuries*. Amsterdam: Batavian Lion International, 1998.

ZANDVLIET, Kees. Mapping the Dutch World Overseas in the Seventeenth. In: WOODWARD, David (Ed.). *The History of Cartography. Vol 3. Cartography in the European Renaissance, Part 2*. Chicago: The University of Chicago Press, 2007, p. 1433-1462.